

Chico de Assis - Homem de Teatro / Artista Brasileiro

POR KLEBER DANOLI¹

Quando Chico de Assis faleceu, no dia 3 de janeiro de 2015, a cultura brasileira perdia um de seus mais profícuos colaboradores, cuja contribuição efetivou-se ao longo dos 61 anos dedicados à vida artística. Teatro, televisão, música e cinema contaram com a inteligência, a originalidade e o elevado senso crítico de um homem inquieto e combativo, que ansiava transformar a sociedade por meio da arte.

Nascido Francisco de Assis Pereira em 10 de dezembro de 1933, na capital paulista, realizou em instituições católicas sua formação escolar e, ainda jovem, filiou-se ao Partido Comunista Brasileiro. Provém daí dois traços marcantes de seu caráter: o cristianismo, influenciando na inclinação ao apostolado, ou seja, o sentir-se imbuído de uma missão a cumprir no mundo; e, politicamente, a disposição em lutar por um ideal de justiça social.

No início de sua vida adulta, na década de 1950, a conjuntura histórica do país estimulava um clima de confiança na efetiva participação popular na vida pública. Getúlio Vargas retomaria a presidência através do voto, dando sequência ao projeto de industrialização estatal, entretanto, fortemente pressionado por setores descontentes da burguesia, cometera suicídio em 1954, assumindo seu vice, Café Filho. Juscelino Kubitschek, eleito posteriormente, levaria adiante seu plano de governo que privilegiava as palavras de ordem do momento: desenvolvimentismo e nacionalismo.

Ocorriam também grandes transformações no âmbito cultural. Em 1950, Assis Chateaubriand fundaria o primeiro canal de televisão do país, a TV Tupi. Anteriormente, em 1948, haviam sido fundadas duas entidades que alterariam os rumos das artes cênicas no Brasil: o Teatro Brasileiro de Co-

média – TBC, por iniciativa do empresário Franco Zampari; e a Escola de Artes Dramáticas – EAD, criada por Alfredo Mesquita. São os integrantes da primeira turma da EAD, liderados por José Renato, que iniciariam uma renovação estética, introduzindo no país o teatro em forma de arena que, dispensando aparato cenográfico, reduzia em até 90% o orçamento de uma montagem feita pelo TBC.

Passagem pelo Teatro de Arena

Foi justamente na TV Tupi, em 1953, que Chico de Assis iniciou sua carreira profissional como operador de câmera e por lá ficou até 1957, exercendo diversas funções, entre elas, assistente do diretor Antunes Filho. Sua estreia como ator havia se dado no rádio e, por essa época, ele já escrevia roteiros para TV e ambicionava carreira no cinema. Foi o próprio Antunes quem sugeriu sua ida ao Arena: “Vai lá, procura o Boal que fez um curso de dramaturgia nos Estados Unidos e mostra a ele essas coisas que você escreve. Você fica lá, o Arena é um bom lugar pra você ficar”. (ALMADA, 2004, p. 77)

O Teatro de Arena já era uma companhia estabelecida. Os ex-alunos estrearam profissionalmente em 1953 e seguiram montando em sua maioria textos de grandes dramaturgos internacionais: Tennessee Williams, Pirandello, Molière, Steinbeck. Apresentavam-se em vários locais, mas principalmente em um espaço cedido pelo Museu de Arte Moderna de São Paulo. Em 1955 fincavam raízes na Rua Teodoro Baima, 94, no coração da cidade. No ano seguinte, começou a se formar o núcleo que daria ao Teatro de Arena sua configuração histórica.

Em 1956, são admitidos os integrantes do Teatro Paulista do Estudante – TPE, entre eles, Gianfrancesco Guarnieri e Oduvaldo Vianna Filho. Diante da necessidade de ter com quem compartilhar suas funções, José Renato contrata Augusto

1. Bacharel em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e aluno do Teatro Escola Macunaíma.



Chico de Assis.

Boal como diretor. Este, por sua vez, acolhe Chico de Assis em 1957, e o dirige em sua estreia teatral na peça *A Mulher do Outro*, de Sidney Howard. O próprio esclarece como se deu o contato inicial com o grupo:

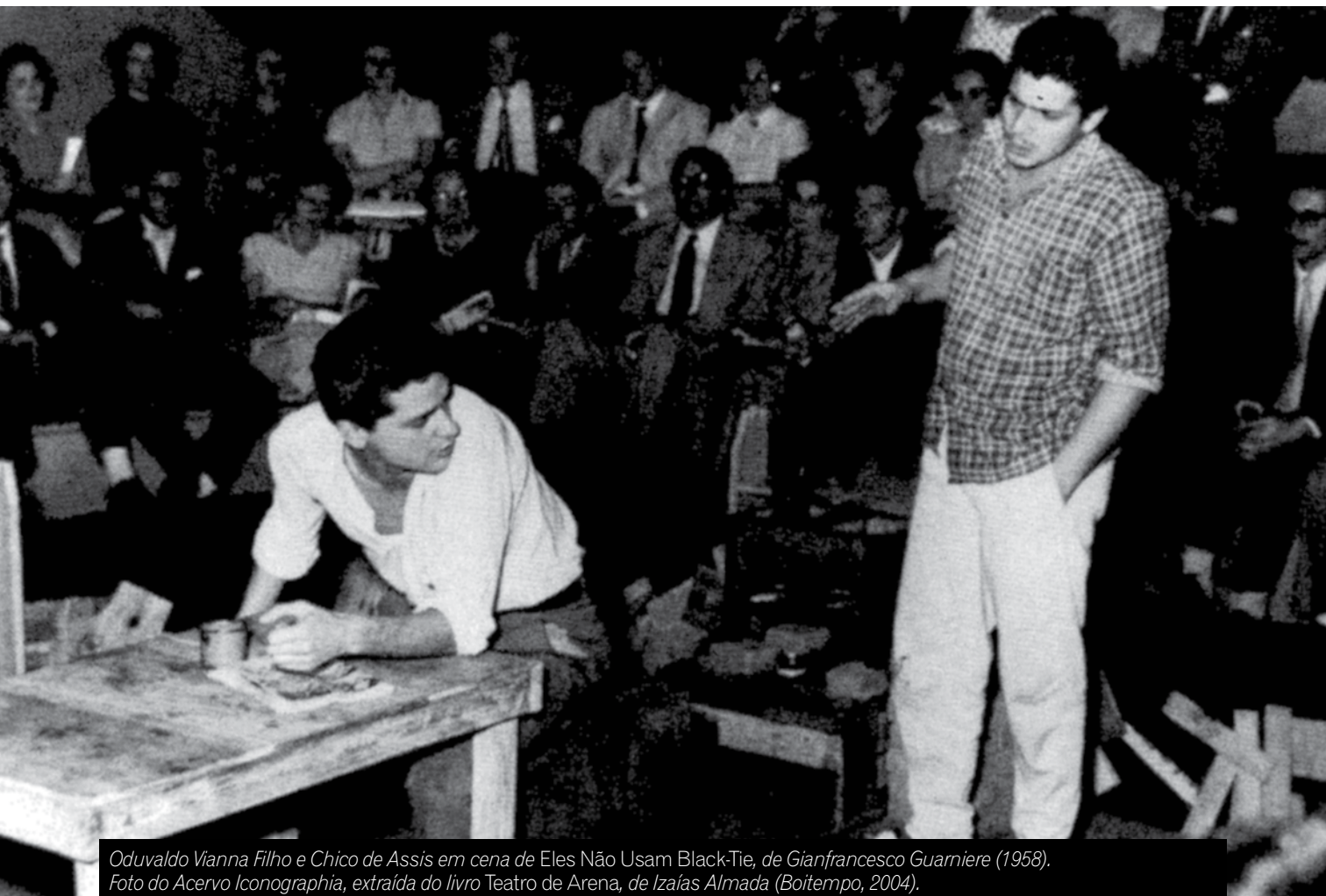
(...) o elenco principal estava viajando com outra peça e eu não entrei logo em contato com o Vianinha e o Guarnieri, nem com o Milton ou o Flávio. Só quando voltaram da viagem que faziam é que nos encontramos e, a essa altura, eu já tinha feito um bom relacionamento com o Boal. E, como eu pertencia ao mesmo partido político do Vianinha e do Guarnieri – éramos todos comunistas – isso nos aproximou rapidamente. E assim ajudei na montagem do Seminário de Dramaturgia e do Laboratório de Interpreta-

ção. (ALMADA, 2004, pp. 77-78)

Tal laboratório foi conduzido por Boal e era decorrente de seu contato com o *Actor's Studio* de Nova York.

Fizemos um laboratório de interpretação utilizando as técnicas de Stanislavski, isso nos ajudava a criar um estilo brasileiro realista de interpretação. Quer dizer, o Stanislavski, como ele não dava uma cartilha e como pra ele o importante é partir da pessoa, do ator, da emoção do ator, das ideias do ator, do ser humano vivo, nós partimos da experiência vital dos nossos atores, que eram brasileiros.²

2. PRADO, Décio de Almeida (Org.). "Depoimento de Augusto Boal." A



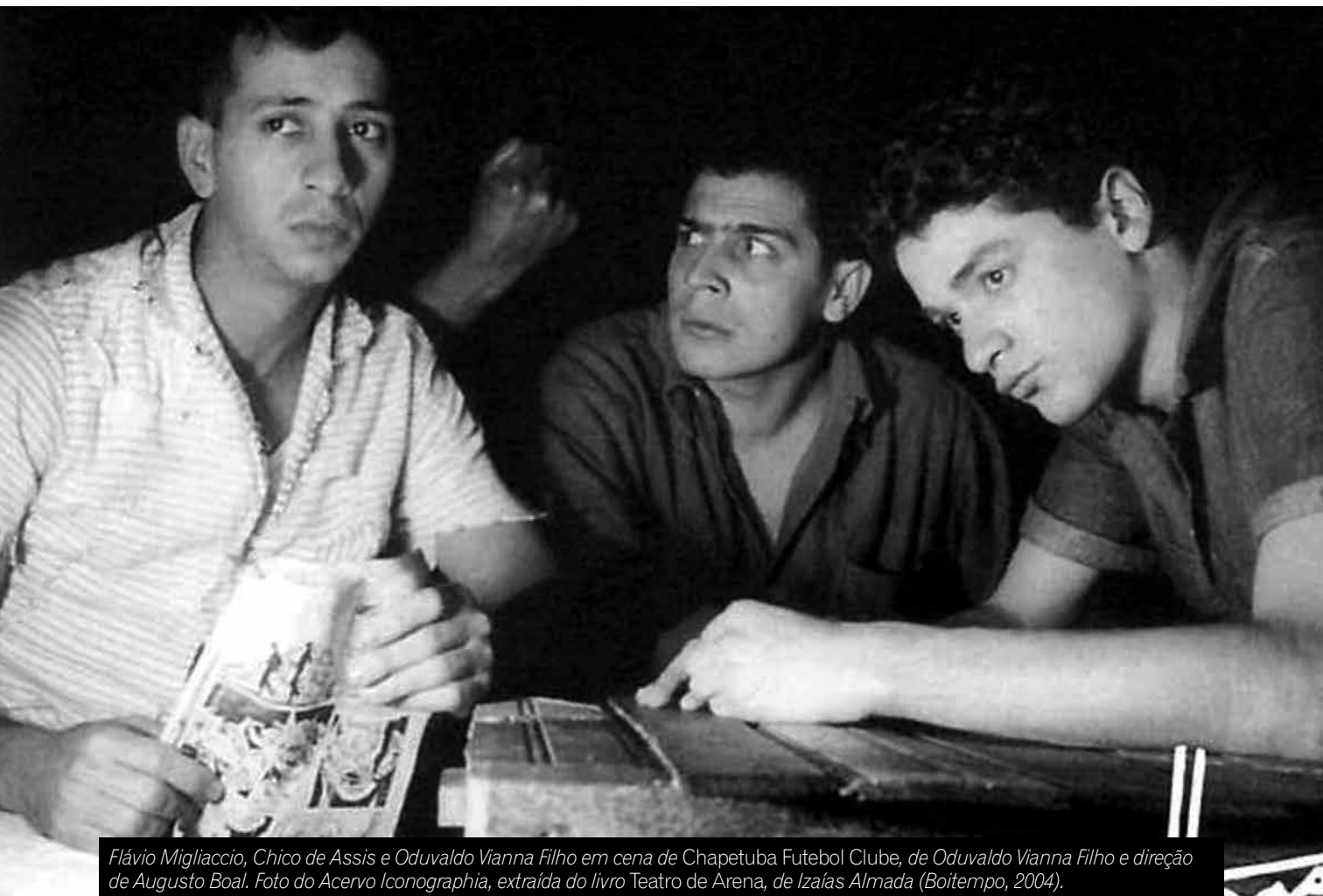
Oduvaldo Vianna Filho e Chico de Assis em cena de *Eles Não Usam Black-Tie*, de Gianfrancesco Guarniere (1958). Foto do Acervo Iconographia, extraída do livro *Teatro de Arena*, de Izaias Almada (Boitempo, 2004).

O Teatro de Arena, porém, passava por crise financeira e, até para fechar com chave-de-ouro, em 1958, encenaram o texto de Guarnieri, *Eles Não Usam Black-Tie*, com direção de José Renato. O fabuloso sucesso obtido com a peça deu vida nova ao grupo e ampliou horizontes. Não bastava alcançar um modo original de representação para seguir montando textos estrangeiros. Criou-se então o Seminário de Dramaturgia, usufruindo da experiência obtida por Boal na Universidade de Columbia. O intuito era formar um ambiente de discussão e análise, fomentando uma geração de autores que abordassem as demandas da sociedade brasileira e superassem o preconceito existente contra textos teatrais escritos no Brasil,

considerados de segunda classe. *Eles Não Usam Black-Tie* possibilitou ao teatro nacional revolucionar sua perspectiva através do repertório temático. Guarnieri retratava a gente pobre da favela, o operário em greve, a lavadeira, etc. Na esteira, viria a peça de Vianinha, *Chapetuba Futebol Clube*, expondo a corrupção no futebol. Posteriormente, também seriam montados textos de Benedito Ruy Barbosa, Roberto Freire, Boal, Migliaccio e do próprio Chico. Era a segunda fase do Teatro de Arena, a irrupção de dramaturgos brasileiros, que duraria até 1962.

Chico participava intensamente de todo o processo. Trabalhou como ator em *Black-Tie*, *Chapetuba* e *Gente como a gente*, de Freire. Em *Revolução na América do Sul*, de Boal, foi assistente de direção de José Renato e compôs as letras para a música de Geny Marcondes. Por desentendimentos

Aventura do Teatro Paulista - TV Cultura, São Paulo, 1980. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=srJ-l546U2Q>.



Flávio Migliaccio, Chico de Assis e Oduvaldo Vianna Filho em cena de Chapetuba Futebol Clube, de Oduvaldo Vianna Filho e direção de Augusto Boal. Foto do Acervo Iconographia, extraída do livro Teatro de Arena, de Izaias Almada (Boitempo, 2004).



internos, Chico se desliga do Arena em 1960 e vai para o Rio de Janeiro, onde daria início a uma fase gloriosa de sua biografia. Seu texto, *O Testamento do Cangaceiro* foi montado com Boal na direção, quando já não fazia parte do grupo. Contudo, ele voltaria ao Arena em 1965, assinando roteiro e direção do espetáculo musical *Esse Mundo é Meu*, estrelado por Sérgio Ricardo.

Centros Populares de Cultura

Ao nascer dos anos 60, intelectuais e artistas tinham urgência em mobilizar as massas para que lutassem a serviço da nação contra os inimigos do povo: imperialistas e entreguistas, identificados nas figuras do industrial, do latifundiário e dos norte-americanos. João Goulart assumiu a presidência após renúncia de Jânio Quadros e defendia a implementação das Reformas de Base, o

que enfurecia os conservadores e culminaria no golpe civil-militar de 1964.

Para um artista e homem de esquerda, são tempos áureos de atuação. Chico de Assis se liga ao Teatro Jovem da Faculdade de Arquitetura e passa a frequentar o Instituto Superior de Estudos Brasileiros – ISEB. Decide estreitar como diretor quando Vianinha apresenta seu novo texto: *A Mais-Valia Vai Acabar, Seu Edgar*. Nesta peça, de marcante inspiração brechtiana, era encenada a vida de um homem comum que sentia o peso das relações de trabalho. Intercalavam-se apresentações didáticas do conceito marxista de “mais-valia”, músicas e projeção de filme – denotando a influência de Erwin Piscator. A trilha sonora ficava a cargo do bossa-novista Carlos Lyra. A temporada foi marcada por grande sucesso de público em um teatro de arena com capacidade superior a mil assentos.

Como o espaço era aberto e de livre circulação, surgia cada vez mais gente interessada no trabalho que se fazia ali. O próprio Vianinha, na ânsia de atingir um público maior, viria a integrar o grupo após deixar o Arena. Tempos depois, afirmaria com certa ironia: “o Arena era porta-voz das massas populares num teatro de 150 lugares”. (PEIXOTO, 1983, p. 93) Além dos ensaios, havia intenso intercâmbio de ideias. Foi a partir desta montagem que a efervescente ligação entre artistas, intelectuais e estudantes culminaria na criação do Centro Popular de Cultura – CPC, ligado à União Nacional dos Estudantes – UNE.

O CPC nascia com o objetivo de conscientizar as classes populares para que estas assumissem seu protagonismo histórico. A revolução socialista parecia iminente e inspirou tudo o que ali se produziu em teatro, cinema, literatura, música e artes plásticas. É desta época a *Canção do Subdesenvolvido*, composta por Chico de Assis e Carlos Lyra, que virou hino dos estudantes e conta de maneira irônica a história do Brasil.

Chico era voz contrária à ligação do CPC com a UNE por acreditar que sem o vínculo com a entidade estudantil a atuação do Centro seria mais ampla. Por essa razão e com o intuito de formar novos grupos de disseminação cultural, ele vai contribuir para a criação dos CPCs de São Paulo-SP, Salvador-BA e Santo André-SP. Neste último, o Centro

de Cultura era ligado ao Sindicato dos Metalúrgicos. O trabalho foi tão abrangente que, ao comentar sua passagem pela Bahia, Chico relembra:

(...) a gente chegava a lugares onde nunca tinham ouvido falar em teatro. A ponto de uma vez eu pegar um pedaço de pau, riscar no chão uma linha demarcatória e avisar: daqui pra cá é peça, daqui pra lá são vocês, o público. (BARCELLOS, 1994, p. 142)

Em 1963, no CPC da Bahia, Chico de Assis dirigiu a peça *Rebelião em Novo Sol*, escrita por cinco pessoas, entre elas Nelson Xavier e Augusto Boal, que conta a história do “arranca capim” – conflito de trabalhadores expulsos pelo proprietário das terras, que passou a criar gado. Chico deixou a parte cinematográfica a cargo de Geraldo Sarno e Orlando Senna, que relata um pouco de como era a integração entre as artes:

(...) em determinado momento, na tela de cinema sobre o palco, um pistoleiro dispara um tiro e um ator no palco, um camponês, é atingido. O contraste entre a imagem gigante do pistoleiro na tela e a pequenez do camponês sozinho no palco era forte. *Rebelião em Novo Sol* foi o espetáculo de maior público e de maior impacto nos dois anos e meio de existência do CPC da Bahia. Glauber ficou tão tocado com o documentário que abria o espetáculo que diria que “o filme influenciaria a epicidade de Deus e o Diabo na Terra do Sol”. (LEAL, 2008, p. 122)

O golpe de 1964 e seus posteriores Atos Institucionais solaparam os sonhos de uma geração. O teatro da UNE seria incendiado e muitos membros dos CPCs foram perseguidos, exilados ou mortos. Mas a semente havia sido plantada. Para ilustrar seus frutos podemos citar a MPB que surge, enquanto gênero, da equação entre sofisticação na música e consciência crítica na letra. O crítico Zuza Homem de Mello destaca que os músicos que frequentavam as reuniões do CPC:

(...) passaram a conviver com um am-

biente diferente do que estavam acostumados, o da realidade social brasileira, em que a abordagem política ocupava o centro do debate. (...) Assim é que um homem de teatro e não de música, o brilhante, enérgico e participativo Chico de Assis, acabou sendo um personagem responsável pela mudança de curso da música popular brasileira a partir de então. (MELLO, 2003, p. 50)

Vida após o golpe

Chico de Assis não chegou a sofrer tortura, mas era um dos dramaturgos previamente censurados. Precisava encontrar novas formas de expressão e sobrevivência. Foi trabalhar como jornalista cultural em mídia impressa e voltou para a televisão, onde ficaria por décadas produzindo atrações musicais, escrevendo roteiros, e dirigindo programas de diversos formatos. Sua estreia como autor de telenovelas foi em 1972, pela Rede Globo, com *Bicho do Mato*, que tinha proposta educativa e contava as dificuldades do caipira Juba em sua adaptação à vida na cidade grande. Ainda escreveu quatro novelas para a TV Tupi: *Ovelha Negra* (1975), *Xeque-Mate* (1976), *Cinderela 77* (1977), *Salário Mínimo* (1979), e uma para a TV Cultura: *O Coronel e o Lobisomem* (1982).

Para teatro, foram trinta peças em diferentes gêneros, mas em seu estilo sobressaem a forma épica, a linguagem popular e uma veia cômica. Suas primeiras obras – que receberam edição da Coleção Aplauso, em 2009 – integram a Trilogia de Cordel. Peças inspiradas na literatura de cordel, escritas entre 1954 e 1964, onde o autor buscava “a estrutura poética do herói brasileiro”. (ASSIS, 2009, p. 17)

O Testamento do Cangaceiro retrata um lavrador que busca melhorar suas condições materiais, mas deve se posicionar entre o bem e o mal. *As Aventuras de Ripió Lacraia* apresenta um herói de múltiplas faces e a insurreição ocorrida em uma fazenda de cegos quando descobrem haver ali um tesouro. *Farsa com Cangaceiro, Truco e Padre* é do período pós-golpe e mostra a figura do preso político, cheio de causos e mentiras, que pode salvar os demais da fúria do cangaceiro Lampião. Todas se desenrolam no sertão; nas duas primeiras, Chi-

co utiliza a estrutura do teatro épico e, na última, da comédia de costumes.

Missa Leiga, de 1971, é considerada, por muitos, sua obra prima. É um complexo desabafo do homem para Deus. Antioração de nossa destruição. Chico de Assis esclarece que é uma “peça sobre o Tempo do Mundo. Tem a estrutura da missa católica, laicizada. Trata da responsabilidade humana diante da vida”.³ Em um período brutal da ditadura, em um trecho da peça, o autor reflete:

(...) que a humanidade devia chorar e se afogar num autodilúvio de lágrimas ou então refletir sobre as formas de tortura. Repensar as várias modalidades de assassinato. (ASSIS, 1971, p. 33)

Proibida de ser apresentada na Igreja da Consolação, causou polêmica junto à comunidade católica. Por conta disso foi montada em uma fábrica desativada e depois fez sucesso em Portugal e na África.

Escreveria outra trilogia, a do melodrama, nos anos 1980. Desta vez, cria personagens e conflitos da classe média urbana. São peças curtas onde ele mantém uma narrativa linear, mas experimenta embaralhar a realidade. A trilogia é composta por *Conheça Seus Ídolos*: vida conturbada e sexualmente ativa de uma atriz de televisão que busca manter as aparências; *Enigma*: dilemas de uma moça que vive a alucinação causada por uma bebida que lhe foi oferecida em uma festa; e *Concerto nº 1 Para Solidão e Orchestra*: caso de amor mal resolvido entre um professor de matemática e uma arpista.

Chico chegou a admitir que escreveu algumas “comédinhas simples” (CAPUANI, 2010, p. 75), porém, além dos já citados, destacamos outros textos que fogem desta linha: *As Aventuras e Desventuras de Maria Malazartes* (1967-68), a censurada *O Auto do Burrinho de Belém* (1970), *Galileu da Galiléia* (1978-80), e a derradeira *A Ópera Trinassau* (2004/05).

3. Texto de Chico de Assis constante do programa da Leitura Dramática realizada em São Paulo, no dia 27 de setembro de 1994, no Auditório Alceu de Amoroso Lima.

Nos anos 1990, seguiu pesquisando, escrevendo e formando novos autores através de projetos como *Este País é Meu*, da Sociedade Gastão Tojeiro, e *Tarô dos Ventos*, realizado no Teatro de Arena Eugênio Kusnet. Este último, ao fim do projeto, culminou em um novo Seminário de Dramaturgia do Arena – SEMDA.

Últimos tempos

Em suma, Chico de Assis foi um operário artístico. Escritor eclético, ator mediano, diretor multimídia. Professor com título de Notório Saber, concedido em 1965. Foi profundamente influenciado por Brecht – que segundo ele fazia um teatro ético e não político (CAPUANI, 2010, p. 75) – mas isso não o impedia de utilizar o método de ação direta de Stanislavski quando dirigia atores.⁴

Valorizava os estudos iniciados com Boal e, até por convicção do grau de importância, esteve ligado à dramaturgia até o fim de seus dias, pois para ele “na hora que a dramaturgia dá um salto, os atores vão atrás, os diretores vão atrás. A dramaturgia é a primeira a dar o pulo para frente”. (ALMADA, 2004, p. 86)

A vida moldou o jovem enérgico e briguento, fazendo-o homem flexível e motivador, que acreditava que “o caminho verdadeiro é o caminho da solidariedade, que é o único caminho certo”. (CAPUANI, 2010, p. 67) Sobre o clímax de sua trajetória, nos anos 1960, definiu: “Ílamos muito, falávamos muito, trabalhávamos muito e, sem dúvida, pensávamos incessantemente num mundo melhor”.⁵

Em 2014, a FUNARTE lançou a coletânea *Teatro Seletos – Chico de Assis* e, no mesmo ano, ele foi agraciado com a condecoração da Ordem do Mérito Cultural, oferecido pelo Ministério da Cultura – MINC, em reconhecimento aos seus esforços pela arte e cultura. Faleceu meses depois, aos 81 anos. Não há, porém, razão para luto, pois na ocasião do cinquentenário do Teatro de Arena, assegurou:

“ninguém morre na classe teatral, a gente os carrega com a gente, não é? A gente os deposita na gente e os leva pra frente”.⁶

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMADA, Izaías. **Teatro de Arena. Uma estética de resistência**. São Paulo: Boitempo, 2004.
- ASSIS, Chico de. “A Mais Valia: Pensando Num Mundo Melhor.” **Carlos Lyra – Site Oficial**. Disponível em: <<http://www.carloslyra.com/portugues/pecas.asp?secao=pecas&str=maisvalia&pagina=1>>. Acesso em: 20 jul. 2015.
- ASSIS, Chico de. **O Teatro de Cordel de Chico de Assis**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2009.
- ASSIS, Chico de. **Missa Leiga**. São Paulo: 1971, [S.n].
- BARCELLOS, Jalusa. “Entrevista Chico de Assis”. **CPC da UNE – Uma história de paixão e consciência**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- CAPUANI, Maria Lucia Damato. **A Trilogia de Folheto de Cordel de Chico de Assis**. 2010. Dissertação de Mestrado, Departamento de Artes Cênicas, São Paulo, USP, 2010.
- LEAL, Hermes. **Orlando Senna – O Homem da Montanha**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2008.
- PRADO, Décio de Almeida (Org.). “Depoimento de Augusto Boal.” **A Aventura do Teatro Paulista - TV Cultura**, São Paulo, 1980. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=srJ-l546U2Q>. Acesso em: 20 jul. 2015.
- MELLO, Zuzá Homem de. **A Era dos Festivais – Uma parábola**. São Paulo: Editora 34, 2003.
- PEIXOTO, Fernando (Org.). “Do CPC ao Arena.” **Vianinha: Teatro, Televisão e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- TEIXEIRA, Bel (Org.). “Depoimento de Chico de Assis.” **Arena Conta Arena 50 Anos**, São Paulo, 2004. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/teatroarena/arena.html>>. Acesso em: 20 jul. 2015.
- VON, Ronnie. “Entrevista com Chico de Assis.” **Programa Visão Masculina – TV Gazeta**, São Paulo, 2011. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=XL1PJXba0Ws>. Acesso em: 20 jul. 2015.

4. VON, Ronnie. “Entrevista com Chico de Assis.” *Programa Visão Masculina – TV Gazeta*, São Paulo, 2011. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=XL1PJXba0Ws>.

5. ASSIS, Chico de. “A Mais Valia: Pensando Num Mundo Melhor.” *Carlos Lyra – Site Oficial*. Disponível em: <<http://www.carloslyra.com/portugues/pecas.asp?secao=pecas&str=maisvalia&pagina=1>>.

6. TEIXEIRA, Bel. (Org.) “Depoimento de Chico de Assis.” *Arena Conta Arena 50 Anos*, São Paulo, 2004, p. 12. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/teatroarena/arena.html>>.